

Collecção Silva Vieira



Subsídios para o estudo
do folk-lore infantil português

Principal
entura

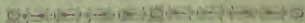


SIV-6

~~12~~ f

FOLK LORE

Collecção Silva Pereira



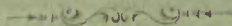
Subsidios

para o estudo de

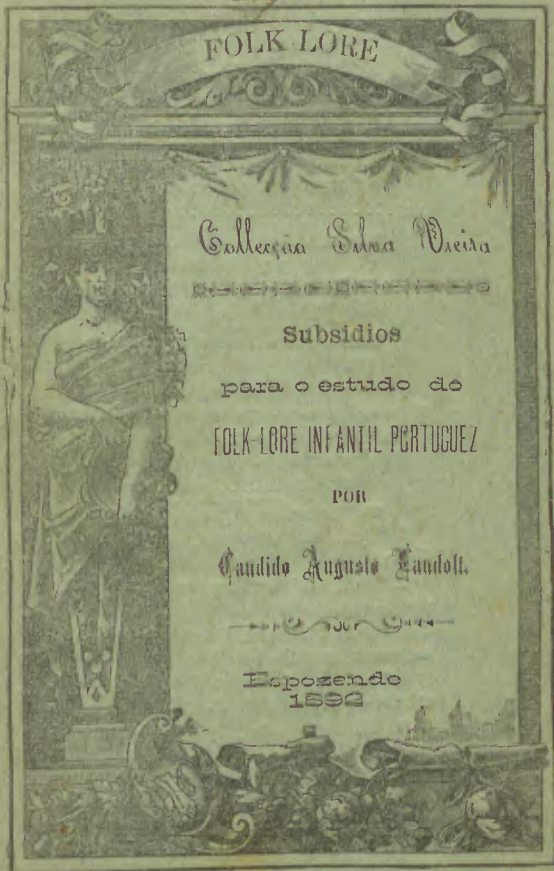
FOLK-LORE INFANTIL PORTUGUEZ

POR

Candido Augusto Landolt.



Esposendo
1892



NOVIDADES FOLK-LORICAS

REVISTA DO MINHO

para o estudo das tradições populares

1.º anno—Preço.....	600 reis
2.º anno (9 n.ºs).....	225 reis
3.º anno (14 n.ºs).....	330 reis
4.º anno (12 n.ºs).....	300 reis
5.º anno (22 n.ºs).....	460 reis
6.º anno (em publicação)	24 nume- ros..... 500 reis

**Ramalhete de Canções
populares**

colhidas no concelho d'Espozende

Preço avulso 60 reis

**Bibliotheca Folk-lorica
Portuguesa**

1 volume publicado

**Materiaes para a historia das
tradicções populares do Con-
celho d'Espozende**

Avulso..... 200 reis

Collecção Silva Vieira

1.º vol. **As Brotas**, por Soeiro de Brito.

2.º vol. **Linguagem Infantil**,
por Soeiro de Brito.

3.º vol. **Poesia Popular Alem-
tejana**, por Soeiro de Brito.

4.º a sahir do prélo: **Folk-lore e
dialectologia de Espozende** (no-
ticia bibliographica), por Armando da
Silva.

Cada serie de 10 n.ºs por assignatura
custa 600 rs. Avulso, 1\$200 rs. Cada n.º
160 rs., sendo o pagamento para qualquer
d'estas publicações feito adeantadamente.

317-6
3
Collecção Silva Vieira

SUBSIDIOS

para o estudo do

Folk-lore Infantil Portuguez

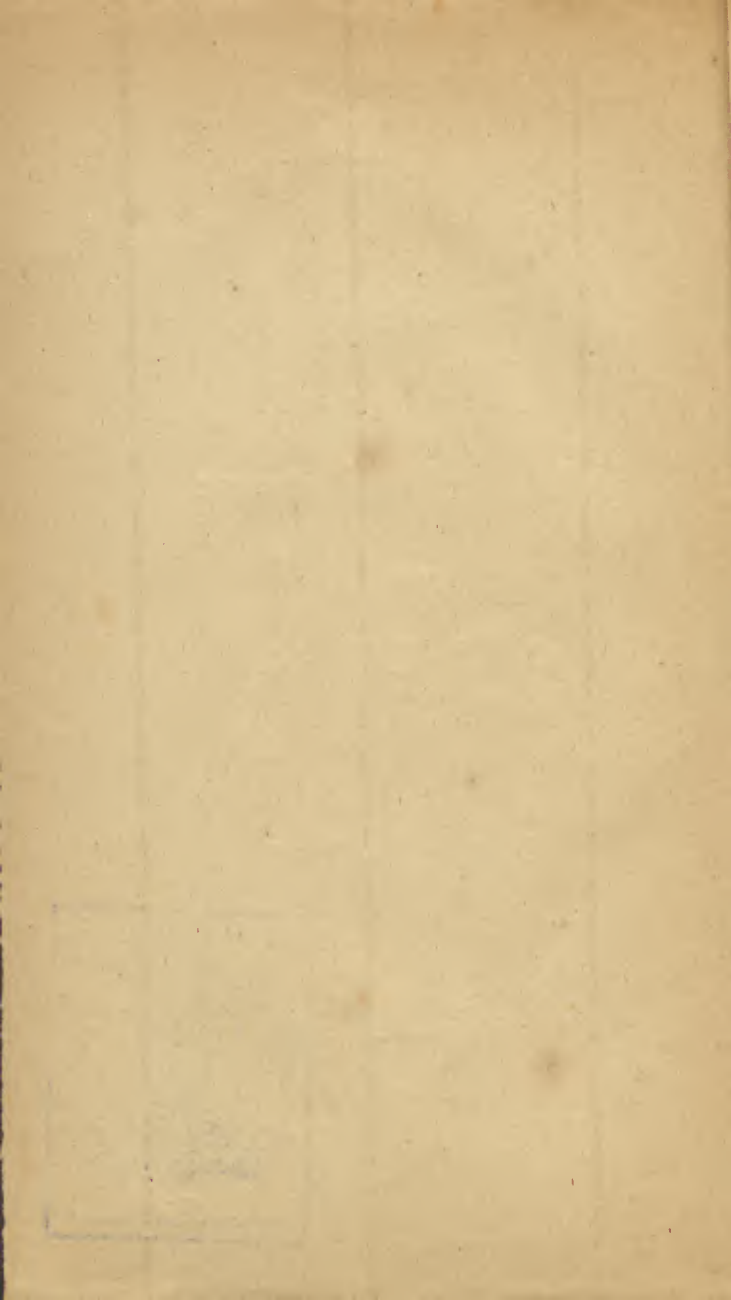
POR

Candido A. Landolt.



ESPOZENDE
1892





Ao Ex.^{mo} Snr.

Dr. Theophilo Braga

Off. o auctor



Não cabe nas ensanchas d'um pequeno artigo como este, o desenvolvimento da materia que n'elle se trata — *subsídios para o folk-lore infantil portuguez*—digno, em tudo, de ser tratado exclusivamente pela penna brilhante da insigne folk-lorista portugueza D. C. Michaëlis;—são simples apontamentos de carteira que vão, por certo contribuir para o enriquecimento da linguagem e costumes infantis que julgo ainda não estão completamente concluidos, apesar da reconhecida intelligencia e actividade de Miss Busk distincta collectora do Folk-Lore de Roma, e das conspicuas folk-loristas italianas Sr.^{ta} C. Caroneli Berti, Mad. Reinsberg-Duringfeld, da Belgica, Señorita

Mospons, de Hespanha e da citada D. Michaelis, no nosso paiz.

Foi com toda a razão, e com toda a justiça que o distincto orador sagrado, rev.^{mo} conego Alves Mendes, tratando da *alma mater* disse—«Que beijo como os seus beijos? Que abraço como os seus abraços? Que afago como os seus afagos? Que desvello como os seus desvellos? Que abnegação como as suas abnegações? Que ensino e alimento como os seus alimentos e ensino?» Sim, porque a mulher sendo mãe, sabe de tudo—de medicina, de musica, de canto, de romance e de mil coisas para não ouvir ao filhinho os impatientissimos *ggggááá ggggááá* que a entristecem, que a affligem e que, com ares de santa e de martyr, vae applicando ao som monotono dos seus—*oóooo, oóooo!*

fr

Eis as notas recolhidas:

A mulher, no norte do nosso paiz; quando entra no seu periodo de gravidez abstem-se de um sem numero de couzas, que, no seu dizer, prejudicam o regular andamento do fructo das suas entranhas; não cheira flores para a creança não ter manchas na pelle, não põe na cabeça linho para a creança não ter o cabello branco, não mette entre a cintura

chave da porta para que a creança não nasça com o labio superior fendido, não pega em baço de boi para a creança não ter manchas vermelhas na cara que a podem tornar defeituosa, nem amamenta outra creança, para a que traz no ventre não ficar com os olhos trocados.

Depois, ha duas maneiras de saber a que sexo pertence a creança antes de a dar à luz: a primeira consiste em dizer repentinamente á mulher grávida —«Que tem n'essa mão?»—ao que ella muito naturalmente responde—«O quê?» mostrando uma das mãos, e se a estende aprumada, é varão, se a mostra frouxa, é femea; a outra, consiste em a mulher grávida queimar uma espinha de sardinha, e se ella se dilata e comprime nas brazas, é signal que será varão, se fica no lume como se deitou, então é femea.

Chega em seguida o momento do successo, e umas vestem um casaco do homem, ou põem sobre os hombros umas calças, como acontece diariamente na Povoá de Varzim, e outras sopram por um funil ou almotolia para haver mais facilidade no parto.

Vem a creança ao mundo, e para que seja bem afortunada, lançam-lhe

na agua do primeiro banho os brincos, os anneis, os cordões e o dinheiro que ha em casa, havendo o cuidado de guardar certa quantidade d'ella para a parturiente lavar o rosto, pois faz desapparecer as sardas, e o panno que por estas occasiões teem.

|a Em continente mandam lançar ao rio d'entro d'um pucaro as *sercundinas* (i. é. secundinas), como succede em Barcellos, ou enterram-as debaixo da pedra do lar ou n'um quintal, para que não sejam tragados por algum cão ou gato, pois se assim acontecesse, seria a creança ladra. Tambem ha um rigoroso cuidado em não perder a *embidinha* (i. e. umbigo), pois, se algum rato a come, a creança ficaria louca. Guarda-se, e queima-se, defumando a creança n'esse fumo.

Immediatamente lançam sobre o telhado uma *mãe-cheia* (i. e. mão cheia) de mostarda em grão, para que as bruxas, entretendo-se a apanhal-a, não tenham occasião de ir chupar o innocente.

Ha tambem um cuidado impossivel em não deixar cair vinho na roupa do parto, o que equivalia à mulher-mãe ficar doida e em deitar os ossos e as es-

pinhas do seu alimento em agua fria, antes de os deitar ao lixo, o que tambem era um prejuizo enormissimo se o não fizessem, pois que, se alguma gata ou cadella ou outro animal irracional femea, que tivesse creação, os roesse, passaria o leite para elles, perdendo a mulher o seu. Assim como tambem, quando a mulher-mãe não tem leite sufficiente para a alimentação do filho, procura comer os sobejos d'uma gata creadeira para lh'o tirar. Outras pela manhã cedo, *em jejum*, com uma faca dão tres golpes n'uma figueira, tres vezes, em trez dias seguidos, dizendo — «*Figueira, dá-me leite*» — e chupam o succo que sai pelas fendas.

Quando lavam as creanças, dão-lhe agua do banho a beber, dizendo —: «*Aguiinha do c* lavado p'ró menino não correr fado*» — tres vezes.

Depois, sempre mil precauções — deve deixar-se a luz accesa de dia e de noite até se baptisar o neophito, porque, dizem, não é bom; — collocar-lhe ao pescoço, n'um saquinho, um bocado de panno com que o padre limpa na missa o calix, ou alhos e varias sementes, ou contas e amuletos; outras, no pulso esquerdo uma figa de azeviehe, para que

lhes não dêem maos olhos, nem as bruxas as afflijam;—não se bebe vinho com a creança ao peito, porque é signal evidente que depois lhe darão ataques de gotta, o que igualmente acontece a quem der de mamar a uma creança entre a Hostia e o Calix, cujo mal só desaparece bebendo trez dias, consecutivos, leite de mãe e filha, e para o primeiro caso, bêber leite de preta. —não se embala o berço, do lado da cabeceira, que fazem-se as creanças ruins;—não se embala o berço, quando não tem a creança, porque lhe causa muitas dores;—não beijam nem deixam beijar as creanças na bocca, porque, asseveram, fazem-as seccar;—e, finalmente, quando lavam os *coirinhos* (pannos), não os batem, não os torcem, nem os deixão ao sereno nem ao relento, porque lhes cauza dores horriveis. E para que essas dores abrandem, tendo-as, collocam tres phosporos em cruz e, defumando a creança, dizem—*«Assim como Nossa Senhora defumou seu amado Filho para cheirar, assim t'eu defumo para sarar.*

Se as creanças, quando estão a dormir se riem, dizem às mães que—*«se estão a rir para os anjos do céu».*

Se abrem os olhos e os tornam a cerrar,
—«*está a olhar para o Senhor*».

Antes d'uma creança fallar, nunca se devem cortar as unhas com tesoura, mas sim, com os dentes; nunca se lhes corta o cabello;—nunca se deixa beijar um espelho;—nem se deixa beber a outra creança que falla menos, a agua que accidentalmente deixou n'um copo, porque tudo contribue para que a falla lhe tarde.

E para que fallem depressa, devem ir a Villa do Conde, e bater com a cabeça da creança no andor de S. Luiz Rei de França, e dizer tres vezes—*«S. Luiz Rei de França, dae fallinha a esta creança.»* O que quasi sempre acontece na quarta-feira de cinza: ou então vae a madrinha, com a creança mettida n'um folle, pedir de porta em porta, para depois ella comendo as esmoças, poder fallar.

Se são medrozas, dão-lhes a comer atraz d'uma porta a crista d'um gallo, assada. Se por não comerem alguma coisa que lhes apeteceu ficaram *ougadas* (i. é. desejosas). dão-lhes a comer um bolo feito de farinha miuha e azeite, evitando que o coma todo, dando as sobras a um cão, porque, dizem, passa a

molestia para o irraccional.

Evitam sempre que as creanças se sentem na meza onde comem, porque seria prognosticar-lhes a morte.

Para que as creanças andem muito cedo, à hora do meio dia ou á noitinha, deve a madrinha andar com ella, da porta da rua para a porta da cosinha, e dizer—«*Assim como a S.S. Trindade está a dar assim eu peço a Nossa senhora para este menino andar.*» Na Povoá, atam as pernas da creança com uns *entralhos* (=tralho, cordel), e levam-a a um carpinteiro da ribeira, à hora do meio dia, para este lhe *cortar o medo*, o qual pega na creança e, andando tres vezes em roda do barco diz.

«Senhor mestre carpinteiro,
Você sabe trabalhar?
Corte a trave a esta criança
Para ella poder andar.»

cortando no fim, com uma enxada os *entralhos*; esta operação repete-se tres dias.

Se passar uma gallinha choca por cima d'uma creança, fica ella com *bertueja*; e esta molestia passa, collocando

a doente sobre uma pia de porcos, montada n'uma vassoura, e dizendo—*Se és burro—arre; se és porco—tô; se és gallinha—chô!* (Barcellos). No Porto, fazendo a mesma operação, dizem—*Bertueja, rabeja, sai-te d'aqui, assim como porcos e porcas comem aqui!*»

Estando uma mulher-mãe a trabalhar fóra de casa, sentindo uma picadella nos peitos é signal que a creança tem vontade de mamar.

Se as creanças trazem o somno trocado, tiram-lhes a camiza e fazendo d'ella rudilha, vão buscar um cantaro d'agua, sabindo por uma porta e entrando por outra.

Se precisa sahir de noite, leva sempre chegado á creança um bocadinho de pão ou um objecto qualqer do pae. Ao virar uma esquina diz sempre—*«Vamos á madrinha, vamos á madrinha»*, para não ficar o innocente tolhido.

Quando a creança está perfeitamente creada, e que dispensa o leite que a alimenta, a mulher-mãe colloca um roزاریo de boccadinhos de figueira ao pescoço, porque, affirma, assim como o roزاریo secca, assim lhe secca o leite.



Outras derramam leite tres dias seguidos sobre o lume e lavam os peitos com agua de espigas centeias.

Taes são as notas que da minha carteira extraio, relativamente ás tradições do primeiro periodo da infancia; n'outros artigos tratarei do mesmo assumpto que julgo curioso.

❖ FIM ❖





SOEIRO DE BRITO



Colleção Silva Vieira

A POESIA


POPULAR

ALEMTEJANA

por

J. *Maria Soeiro de Brito*

Esposende
1890



Publicações e obras Folk-lóricas

REVISTA DO MINHO, para o estudo das tradições populares. (Annos publicados)

1.º anno (1885-1886), preço 600 reis.—2.º anno 86-87, (9 n.ºs) 225 reis.—3.º anno 87-88 (10 n.ºs) 350 reis.—4.º anno, 88-89, (12 n.ºs) 300 reis (esgotado).—5.º anno, 89-90 (22 n.ºs) 460 reis (esgotado).—6.º anno, 90-91, (18 n.ºs) 500 reis (esgotado).—7.º anno, 91-92, (24 n.ºs) 500 reis.—8.º anno em publicação. Portugal, anno 1\$000 rs. Estrangeiro 1\$500 reis.

Ramalhete de Canções populares colhidas no concelho d'Espozende. Preço 60 reis.

Bibliotheca Folk-lórica Portugueza, 1 vol. publicado, «Materiaes para a historia das tradições populares do concelho d'Espozende». Preço 200 reis.

Collecção Silva Vieira.—1.º vol. **As Brotas**, por Soeiro de Brito.—2.º vol. **Linguagem Infantil**, por Soeiro de Brito.—3.º v. **Poesia Popular Alemtejana**, por Soeiro de Brito.—4.º v. **Folk-lóric e dialectologia de Espozende**, (noticia bibliographica), por Armando da Silva.—5.º v. **Astronomia e Meteorologia popular alemtejana**, por Soeiro de Brito.—6.º v. **A Opala**, por M. M.—7.º v. **Tradições Maiaitas**, por Candido Augusto Landolt.—8.º v. **A dança em Portugal**, por Alberto Pimentel.—9.º v. **Duas Leis**, (documentos antigos).—10.º **Subsidios para o estudo do Folk-lóric Infantil Portuguez**, por Candido A. Landolt.

A saber do preço **Presbytero de Villa Cova**.—No preço: **Setecentas Comparações populares alemtejanas**.—A entrar no preço, **A Demosophia**.—Em preparação **Os cantos do Natal** e outras obras que agora por falta de espaço não mencionamos.

Cada serie de 10 volumes por assignatura custa 600 reis. Avulso 1\$200 rs., sendo o pagamento para qualquer d'estas publicações feito adeantadamente em vales do correio ou notas. Pedidos ao seu director: José da Silva Vieira, Espozende.



SI

Biblioteca
Manuel de